

Daniel Everett<sup>1</sup>, *Dark Matter of the Mind*, Chicago/  
London, The University of Chicago  
Press, 2016, 400 p.

por Ariel Pheula do Couto e Silva<sup>2</sup>

*Dark Matter of the Mind* (“Matéria Escura da Mente”) destina-se a elaborar uma teoria antropológica e cognitiva da linguagem humana, no âmbito de uma abordagem empírica, com o objetivo de dar conta da inter-relação de conceitos e categorias fundamentais dessas disciplinas, como os conceitos de língua, cultura, mente e inconsciente; e as categorias do não falado (*unspoken*) e do inefável (*ineffable*). A inter-relação desses conceitos foi denominada pelo autor “Matéria Escura”, a partir do conceito homônimo da cosmologia, o qual diz respeito a uma forma de matéria no universo que seria somente postulada e detectada por experimentos indiretos.

Segundo Everett (2016), o livro *Dark Matter of the Mind* insere-se em um programa de pesquisa mais amplo, iniciado em 2005, com o seu artigo *Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã* (“Restrições culturais à Gramática e Cognição em Pirahã”). Esse artigo discute como características culturais do povo Pirahã – sendo a experiência imediata dos interlocutores um valor fundamental – e suas implicações na língua e cognição desse povo, desafiando características tidas como universais para as línguas humanas. Em 2008, Everett publicou o que considerou o “trabalho por trás das ideias”, o livro *Don’t Sleep There are Snakes* (“Não Durma, Aí Tem Cobras”), buscando descrever seus mais de 30 anos de experiência de campo junto aos Pirahã; em 2012, publicou o livro *Language: The Cultural Tool* (“Língua: a Ferramenta Cultural”), o qual apresenta críticas fundamentais à abordagem nativista no âmbito da linguística, apresentando argumentos empíricos de que a linguagem humana pode ser vista como uma ferramenta cultural, herdada culturalmente

---

<sup>1</sup> Daniel Everett é Diretor de Artes e Ciências na Universidade de Bentley e pesquisador reconhecido mundialmente, sobretudo, pelos frutos de seu trabalho linguístico, antropológico e cognitivo junto a povos indígenas da Amazônia. Suas publicações mais conhecidas, no âmbito de uma abordagem empírica da relação entre língua, cultura e cognição, com ênfase no povo Pirahã, desafiam modelos teóricos que buscam analisar a linguagem humana como inata.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB), com bolsa da CAPES, é membro pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas – Aryon Dall’Igna Rodrigues (LALLI/UnB).

pela interação social e cuja maior função é a comunicação; ainda em 2012, publicou o livro *Linguistic Fieldwork* (Pesquisa de Campo em Linguística), em co-autoria com a pesquisadora Jeanette Sakel, buscando fundamentar um modelo de pesquisa de campo relacionado ao programa de pesquisa maior; ao final de 2016, publicou o livro aqui res, *Dark Matter of the Mind*, buscando “criar uma teoria de cultura e de ciência cognitiva para contextualizar e motivar uma teoria empírica da língua(gem)”]; dando continuidade ao programa iniciado em 2005, Everett publicará, no segundo semestre de 2017, o livro *How Language Began* (“Como a língua(gem) começou”), o qual propõe “uma teoria gradual não-nativista da evolução da língua(gem) em integração com a cultura, a mente e registros fósseis”.

*Dark Matter of the Mind* é composto por um prefácio, uma seção de agradecimentos, uma introdução, dez capítulos divididos em três partes, uma conclusão, uma seção de notas, referências bibliográficas e índice remissivo.

A primeira parte é composta por quatro capítulos e busca conceituar a matéria escura no âmbito de sua relação com a cultura. No primeiro capítulo, Everett discute a natureza e *pedigree* da matéria escura, situando-a na tradição aristotélica de pensamento, segundo a qual o conhecimento humano seria adquirido pela experiência, sendo inato somente a nossa capacidade de aprender. No segundo capítulo, apresenta uma teoria cultural de valores ranqueados (*Ranked-Value Theory of Culture*), uma vez que, para o autor, uma teoria de valores seria epistemologicamente anterior à uma teoria de cultura. Discute ainda o papel central do indivíduo como portador da cultura e repositório de conhecimento e, nessa perspectiva, a cultura como o centro da cognição. No terceiro capítulo, o autor discute as formas pelas quais a matéria escura é adquirida, partindo da teoria da vinculação (*Attachment Theory*) para a discussão da conexão entre indivíduo e cultura, exemplificando processos de emicização por meio do contexto Pirahã. O autor elenca ainda seis requerimentos necessários para o desenvolvimento de matéria escura, os quais seriam os seguintes: um corpo, o qual se relaciona à memória muscular, gostos, sons, etc; o processo cultural (*culturing*) no qual o indivíduo está imerso; um cérebro flexível; um cérebro emocional; semântica; e inteligência humana, no sentido de que a habilidade de pensar e de usar conhecimentos tácitos (*tacit knowledge*) não seria, em termos quantitativos, algo específico dos seres humanos. No quarto capítulo, o autor discute o conceito de matéria escura no âmbito da hermenêutica, tratando esta como uma ferramenta primária de nosso conhecimento não falado, utilizada na interpretação de todas as nossas experiências.

A segunda parte se destina à articulação da relação entre a matéria escura e a língua(gem). No capítulo cinco, o autor discute como a matéria escura pode ser identificada e trabalhada em textos, exemplificando de forma contrastiva dois textos jornalísticos referentes a um mesmo tema, textos Pirahã, e letras de música da cultura popular norte americana. O capítulo seis apresenta os

“efeitos arquitetônicos” da cultura sobre a língua, traçando as relações entre matéria escura e gramática. Ilustra essa discussão com dados da língua Pirahã, argumentando que, para o estudo de sua (etno)fonologia e (etno)sintaxe, conhecimentos profundos de matéria escura são fundamentais. O capítulo sete dedica-se à discussão da matéria escura em relação aos gestos, a cultura e a criação de sinais familiares. O autor argumenta que os gestos são controlados linguisticamente e culturalmente por processos de emicização e, ao lado da prosódia e entonação, possuiriam efeito perlocucionário fundamental. Em consonância com os trabalhos de McNeill (1992, 2000, 2005, 2012), a evolução dos tipos de gestos e sistemas gestuais humanos seria equiprimordial com relação ao desenvolvimento da modalidade oral da linguagem humana. O capítulo oito se dedica a fundamental importância da Matéria Escura para os estudos de tradução e, a partir dos apontamentos de Quine (1951, 1960), discute problemas de tradução entre culturas diferentes. Com esse intuito, o autor apresenta parte de sua experiência como missionário no contato inicial com os Pirahã, e da impossibilidade de se traduzir para a língua Pirahã conceitos e construções linguísticas da Bíblia, uma vez que na língua e cultura alvo as categorias são inexistentes.

A terceira parte do livro discute algumas implicações da teoria da Matéria Escura da Mente para os conceitos de instinto, no capítulo nove, e natureza humana, no capítulo dez. Segundo o autor, ao se propor a aquisição da matéria escura a partir da experiência do indivíduo e com implicações diretas para a construção do seu Eu (*self*), esses dois conceitos – instinto e natureza humana – se tornariam desnecessários.

*Dark Matter of the Mind* constitui-se de uma obra de peso, ao tratar com profundidade e de forma conjunta fenômenos que são abordados individualmente e de forma disciplinar pela Antropologia, Linguística, Psicologia e Ciências Cognitivas. Destina-se sobretudo aos pesquisadores das áreas relacionadas, mas também a todos aqueles que se interessam pela experiência e estudo da experiência intercultural.

## Referências

- Everett, Daniel. 2005. “Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã: another look at the Design Features of Human Language”. *Current Anthropology*, 76, pp.621-646.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Don't Sleep, There are Snakes: Life and Language in the Amazonian Jungle*. New York: Pantheon.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Language: the Cultural Tool*. New York: Pantheon Books.
- \_\_\_\_\_. 2016. *Dark Matter of the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. 2017. *How Language Began*. New York: W. W. Norton/Liveright Publishers (em fase de edição).

McNeill, David. 1992. *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. 2000. *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2005. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. 2012. *How Language Began: Gesture and Speech in Human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.

Quine, Willard Van Orman. (1951). "Two Dogmas of Empiricism". *Philosophical Review* 60, pp.20-43.

\_\_\_\_\_. 1960 *Word and Object*. Cambridge, MA: MIT Press.

Sakel, Jeanette & Everett, Daniel. 2012. *Linguistic Field Work: A Student Guide*. Cambridge: Cambridge University Press.

## Referências Eletrônicas

Everett, Daniel. (28 de dezembro de 2016). *The research program I began in 2005 with my Cultural Constraints paper took the following form: lay out the life and work behind the ideas: Don't sleep. Lay out the case against nativism: Language: The Cultural Tool. Develop a model of fieldwork for this work: Linguistic Fieldwork (with Jeanette Sakel). Invent a theory of culture and cognitive science to contextualize and motivate the empiricist theory of lg: Dark matter. Propose a nonnativist gradualist theory of lg evolution integrating culture, mind and the fossil record: How language Began. All of these works and the accompanying 3 dozen or so articles form what is intended to be a single research program. So far I seem to have it all to myself.* Facebook: Dan Everett. Disponível em <https://www.facebook.com/d.leonard.everett/posts/10154387091588198>. Acesso em 29 de dezembro de 2016.